ctt correios
TAXA PAGA
PORTUGAL
CCE DEVESAS

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

27 de Maio de 2006 • Ano LXIII • N.º 1623
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Moçambique

A parábola da videira

A Parábola da videira, deste Domingo de Páscoa, veio-me à reflexão como uma pedrada. Andamos aflitos com males menores, sensíveis por hábito aos pormenores da nossa vida de Casa. A Obra da Rua é verdadeiramente uma vinha do Senhor, num sentido de plenitude. Ele é não apenas o dono, mas, também, a videira. Disso temos plena consciência. Não há frutos sem ramos florais, nem ramos sem tronco. Estamos no meio e não nos pertencemos a nós próprios, mas Àquele que nos dá a Vida e nos enxertou, pelo Sacerdócio, no Sacramento do Amor aos mais abandonados da sociedade civil. Não somos uma casta, mas os frutos têm enriquecido a biodiversidade humana.

«Eles são mais Teus do que meus», exclamava Pai Américo, ao sentir-se impotente perante as dificuldades inerentes a cada Rapaz, por vezes uma verdadeira ruína moral. Trabalhamos com eles com a maior delicadeza e respeito, porque são para nós autênticos vasos de eleição. Que um laico não confunda com urna de eleições, que bem escolhidas são as duas palavras.

Ora, a Obra da Rua com as suas Casas do Gaiato, Calvário, Lares e outras actividades está inserida na Videira como verdadeiro ramo. Fundamental é permanecermos n'Ele para recebermos a Vida e podermos dar fruto. E não há abundância de frutos, sem poda. Não é necessariamente Ele, o dono, que poda. Foram outros, os que podaram a sua Vida e até o nome de Deus, ao mesmo tempo Ele se ofereceu para a poda.

Embora nestas terras do Sul não haja videiras, apesar de uma pequena amostra de uma dúzia de pés, sei bem, de há muito, como se procede. É necessário eliminar todos os ramos secos ou fracos e, conforme a pujança da videira, até os mais fortes, quando se alongam demasiado. Com muita atenção, reduzir quanto baste os botões florais para que, a partir destes, toda a vida, ali depositada, brote com toda a pujança da seiva e se multiplique em frutos abundantes. Mas uma poda mal conduzida é uma produção comprometida. Se, porventura, num ano se deixou de fazer, não há produção alguma.

Continua na página 3

Tribuna de Coimbra

Vocações

A celebração de mais um Dia Mundial de Oração pelas Vocações, de especial consagração na Igreja, é sempre uma interperlação. O facto de o celebrarmos em pleno tempo pascal — tempo evocativo da abundância, da misericórdia de Deus para com a Humanidade — esta interpelação torna-se acutilante.

O grito de Jesus: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância...», é inquietante quando tantos «sarcófagos» se levantam em nome da vida. Às situações de fome, de penúria, de carência; à fome de pão do corpo, de alimento verdadeiro da alma, esse sobretudo; os discípulos de Jesus não podem ficar indiferentes. O cenário das multidões famintas repete-se, como no tempo de Jesus, na Galileia. A Galileia de Jesus globalizou-se, atingindo contornos dramáticos em partes do nosso mundo. São apelos do pão do corpo; gritos pelo pão da alma, um e outro decisivos para que o homem obtenha a plena dignidade.

Uma criança, uma família, um desempregado, um sem-abrigo, um doente, um idoso: o problema de cada um toca o «universal». O equilíbrio do «todo» está dependente da resolução de cada um em particular.

Neste contexto apelativo, a vocação cristã à santidade, que é abertura do coração humano à dimensão de Deus, encontra modalidades de realização infinitas: «um copo de água dado em Meu nome não ficará sem recompensa...».

Mas são precisas mãos e corações totalmente disponíveis para a surpresa de Deus que acena à totalidade da entrega: tempo inteiro,

Continua na página 3

Momentos

O Marinho

CAÍU-NOS no colo e no coração com dois aninhos e meio.

Alguém de Setúbal nos pediu para o acolhermos, por falta de capacidade, há uns trinta anos.

Já não me lembro da história dele e, onde me encontro, não tenho elementos, mas isto é o essencial.

Cresceu no meio de nós, como todas as crianças, equilibradamente. Na escola fez o 6.º ano e continuou. Aprendeu o ofício de serralheiro civil com alguma prática de torneiro e canalizador, mas onde se revelou mais perito, foi na condução dos tractores.

Na estação própria para sachar o milho, com a alfaia atrelada à máquina, o Marinho estava sempre pronto!

Tinha 18 anos quando lhe apareceu a mãe, vinda de S. Tomé, onde também ele tinha nascido.

A mãe é, para todos os homens, uma figura profundamente marcante no mais íntimo de cada ser. Idealizada como a pessoa mais bela, mais perfeita e mais amável! Aquela cujo coração é nosso e onde ansiamos constantemente aquecer-nos!... Seja a mulher que for. A realidade ideal da mãe fica natural e docemente inscrita na intimidade misteriosa de cada filho, de tal maneira que só a sua pessoa desvirtuada é capaz de a enfraquecer ou destruir.

Nas Casas da Obra da Rua, o magnífico e heróico papel da mãe desempenhado pelas senhoras que se gastam continuamente por eles, numa doação sem limites, ainda mais lhes faz crescer o sonho: — Se esta é assim para nós, quanto mais não será a que nos gerou e trouxe no ventre!...

Se a mãe aparece é como se descobrisse o céu. A ilusão torna-se arrebatadora e mais forte que todo o senso. Só que, na esmagadora maioria dos casos, bastam quinze dias de convivência para desfazer toda esta longa cozinhada de quimeras.

A mãe de Marinho apareceu em Setúbal e em nossa Casa, às claras e às escondidas.

O rapaz ficou no ar. Não se apercebeu da imaturidade daquela que o havia gerado e da vida que a envolvia. Nós não lho podíamos revelar. Não podíamos nem devíamos! Não senhor!

Ela foi levada para Paris num daqueles negócios de que o submundo é forte.

De lá mandou notícias! Ilusões sobre ilusões e o Marinho desapareceu com 19 anos, numa manhã em que sachava milho. Espantados, até porque ele andava a tirar a carta de condução automóvel, nunca mais soubemos dele.

Passados uns seis anos, voltou. Surgiu-nos surpreendentemente em Casa a pedir ajuda para tirar a carta. Que trabalhava numa empresa de recubagem Lisboa — Paris, que patrão lhe prometera dar para conduzir um veículo longo se tirasse a carta; que a mãe, agora, vivia com um homem, na capital da França, etc.

Dei-lhe cento e quarenta ou cento e oitenta contos, naquele tempo.

Passaram-se mais sete ou oito anos e, em Fevereiro, tive notícias que o Marinho rondava a nossa Casa de Setúbal num estado de miserável aspecto, cheiro nauseabundo e desequilíbrio mental impressionante.

Soube que o Padre Júlio fez tudo quanto pôde, por ele. Bateu várias vezes à porta do Hospital, rogando consultas e internamento. Foi à polícia, à Segurança Social e, até, a uma Ordem especialista destas doenças, onde lhe disseram que só em Abril teria consulta.

O cabelo comprido, o mau cheiro, a recusa de tomar banho e

Continua na página 3

Cantinho dos Magistrados

AINDA não houve tempo para saber de ecos a este *Cantinho*, que O GAIATO não é jornal de «últimas notícias»; profundamente inserido nas realidades do tempo, é intemporal. E, precisamente, é hoje que essa edição terá chegado às mãos dos seus Leitores, que eu envio este segundo *Cantinho* para o jornal da próxima quinzena. Ao longo dela talvez possamos escutar testemunhos de como é verdadeiro e actual o clamor de alma que Pai Américo soltou há mais de sessenta anos.

Tantas mudanças no mundo e tão pouco se avançou (se se avançou...?) do «homem lobo do homem» para o «homem irmão de todos os homens»! O itinerário desta caminhada não são os homens capazes por si mesmos de o traçar. Está traçado por Deus e dele consta abundantemente na História da Salvação. Foi definitivamente revelado por Cristo no *Mandamento Novo:* «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei», como te amei a ti — que a Palavra é universal, todavia dirigida a cada um.

Aqui vai mais este contributo de Pai Américo para o alerta de quão insegura é a Justiça se não tiver o Amor por pedra angular.

«Os juízes conhecem as leis; os sacerdotes as consciências. Se nós apedrejássemos crimes em vez de criminosos, seríamos todos mais justos e menos agressivos, porquanto ele há muitos elementos e factores atenuantes na vida deles: elucação, lupanar, taberna, miséria, tendências, laicismo.

Nós, chamados a parte sã da sociedade porque escapamos à alçada dos juízes, seremos melhores e mais virtuosos? Tendo à mão tantas armas de defesa, somos na verdade mais fortes? Não é sabido de toda a gente que se concebem e praticam no mundo infinitos crimes, encobertamente uns, às escâncaras outros e todos impunes, também por vários factores: sorte, fortuna, astúcia, categoria, saber ***de advogados, mentira de testemunhas?***

De tal guisa que uns injustamente sofrem e outros injustamente gozam, porquanto a justiça dos homens é ordinariamente feita de injustiças; e fica sempre de pé o aviso do Mestre, Justo Juiz, à beira da adúltera do Evangelho: — **Aquele que tiver a consciência limpa atire a primeira pedra.** ***E ninguém atirou.***

Reza pelos encarcerados, não os julgues.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CARIDADE: O PRINCÍPIO E O FIM DA PASTORAL SOCIAL — «Por alguma razão muito importante, o Papa Bento XVI dedicou à Caridade a sua primeira Encíclica. Por razões aparentemente estranhas, esta Carta parece não ter tido, nomeadamente em alguns sectores da Igreja, o eco e o relevo que seria legítimo esperar. Mais uma afirmação de que a palavra 'Caridade' parece ter deixado de ser a bandeira que os cristãos gostavam de erguer como símbolo apaixonante e identificador da sua fé em Jesus Cristo e na sua mensagem. Se o Papa tivesse dedicado a sua primeira Encíclica à Justiça, mais concretamente à Justiça Social, teria certamente muito mais êxito.

Quem lê atentamente a Encíclica, um texto brilhante sobre o amor humano e sobre o conceito cristão de caridade, descobre algumas das razões pelas quais Bento XVI decidiu escrever a Encíclica 'Deus é Amor'. O Papa acha que tem motivos para temer que a acção social dos cristãos, tão intensa, tão extensa e tão fecunda, esteja a perder a sua identidade. Nas suas fontes, nos seus métodos e nos seus objectivos. Sobretudo nos seus métodos.

É ilegítimo acusar o Papa de retrógrado e de saudosista, nesta sua tentativa de recuperar, de uma forma tão pública e tão solene, o mandamento da Caridade. O capítulo dedicado à relação inseparável entre a Caridade e a Justiça Social, entre a Caridade individual e a Caridade organizada, entre as soluções de emergência e as soluções estruturantes, desmente totalmente essa acusação. Mas Bento XVI alerta para o perigo de o activismo social dos cristãos poder vir a perder os sinais que o devem identificar, sobretudo no que toca à sua fonte e aos seus métodos. Se estes não tiverem a marca da verdadeira Caridade, não passarão do nível da simples assistência social, por mais importante que esta seja, do ponto de vista objectivo.

Não é sem razão que o Papa cita na Encíclica o famoso hino de S. Paulo à Caridade. Para não acontecer que de entre nós também se possa dizer: fizeste tantas coisas pelos outros, mas não chegastes a ter Caridade.»

Escalada, Maio de 2006

PARTILHA — Assinante 50913, de Oliveira de Azeméis, com 25 euros: *«Desculpem o atraso. Mas como o prometido é devido, aqui vai uma pequena gota para o oceano dos mais necessitados... Deus vos ajude a remar contra tudo e contra todos»*.

De Campo Amarelo (Leiria) *«40 euros para O GAIATO e o que sobrar utilizem onde for mais necessário para os Pobres da Conferência»*.

Outro remanescente, da assinante 37529, de Setúbal, *«destina-se aos Pobres da vossa Conferência, sobretudo os mais carecidos de medicamentos que não os podem comprar. Deus me dê coragem e força para aguentar com fé o que terei de sofrer...»*.

Vinte e cinco euros, de Lisboa, *«em memória do marido de Senhora amiga»*, pela mão da assinante 36113.

A presença habitual de Lourdes, de Cacém, *«uma migalhinha... Continuo sempre pedindo muita saúde para vós»*. Deus lhe pague.

Assinante 9790, de Perosinho, *«cheque de cem euros. Peçamos à Mãe do Céu que guarde a D. Maria da Luz»*.

Mais cem, do assinante 29430, de Molelos, Tondela, *«para a Conferência de Paço de Sousa distribuir segundo o vosso critério pelos mais necessitados»*.

Ainda mais cem euros, de Olímpia, do Porto, sem mais quê.

Do Luso, 30 euros, do assinante 53241, *«contribuição para os protegidos da vossa Conferência, que aplicarão em conformidade às mais prementes necessidades»*.

Uma remessa, da assinante 42309.

E é tudo.

A nossa gratidão, em nome dos Pobres.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa*.

Júlio Mendes

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Dizem que «a saudade do Amor, é o Amor». «Ninguém sofre por desejar aquilo que não compreende».

Estes ditos, recordam-nos um encontro que há dias tivemos com as Irmãzinhas (Criaditas dos Pobres), que residiam no Barredo, no Bairro do Património dos Pobres, em Miragaia.

Em tempos, estas recoveiras dos mais necessitados, foram mandadas retirar para outras terras. Pensávamos nós que fosse Coimbra, mas, afinal, estão mais longe: Portalegre!

Pois é a saudade do amor aos seus Pobres que as traz, a cada passo. Elas vêm de tão longe prestar apoio àqueles que há longos anos as nossas Irmãzinhas conhecem.

Foram elas que nos disseram das suas necessidades, dos seus problemas. São estes que ainda hoje visitamos e, quando podemos, levamos a vossa ajuda.

Foi pena o nosso encontro ter sido tão breve, pois o local não nos permitia demorar. Mas foi o suficiente para ficarmos a saber que a missão delas era a mesma que a nossa. Visitar os seus e nossos amigos.

As Irmãs iam visitar a nossa viúva que tem o filho deficiente. Nós seguimos, um pouco mais abaixo, a casa da nossa velhinha que, agora, está só em casa.

Elas vindo de tão longe, não perguntámos como, talvez com saudades do amor ao Pobre, por quem têm dado a sua vida, talvez conscientes de que ninguém sofre por desejar aquilo que não compreende!

Mas de certeza que compreendem que é também o seu amor ao Pai do Céu, que as faz dar a sua vida em favor dos que mais necessitam.

Também temos a certeza de que as Irmãzinhas, nesta caminhada, encontram sempre Cristo no seu caminho.

Elas também sabem. Talvez seja por isso que vêm de tão longe. Porque sabem que Cristo está com os Pobres e com os que mais sofrem.

Como o seu próprio nome diz, Criaditas dos Pobres, elas são pobres também. Mas têm um coração muito rico, porque cheio de amor para dar. E é dessa riqueza que dão aos que visitam.

Estas Irmãs tiveram saudades do amor, mas do amor que têm a Deus e aos seus Pobres, que embora tivessem ido para tão longe, as não fez esquecer daqueles que delas necessitam.

Nós temos necessidade de caminhar sempre sem nunca descansar, pela estrada que nunca termina em direcção a Deus. E é nesse caminhar em que as nossas Irmãzinhas se encontram. Têm consciência de que a mensagem de Cristo é louca. Como tal, sendo arautos dessa loucura, não podem parar na sua caminhada. Como arautos de Cristo, são também recoveiras dos Pobres e com certeza estão dispostas a caminhar com a cabeça entre as estrelas do firmamento de Cristo.

Bem-haja por este encontro, embora breve.

A propósito, não queremos terminar este nosso desabafo sobre as Criaditas dos Pobres, sem deixar aqui também um desabafo de Pai Américo, no livro «De como eu fui...»: *«Quem quiser no mundo alguma coisa verdadeiramente grande, chame para ao pé de si os humildes trabalhadores. Com eles não se faz muito, faz-se tudo!»* Assim como com elas.

Como no início dizíamos, fomos visitar a nossa amiga velhinha. Batemos à porta que nos foi abrir. Estava sozinha em casa. Os netos fora do País. Talvez seja esta a razão do seu isolamento, que nos parece ser benéfico para ela. Deixámos a vossa ajuda e regressamos a casa, como sempre, mais ricos.

Não queremos terminar estas linhas, sem uma referência à situação actual nas nossas Casas do Gaiato.

Que faria Pai Américo, no seu tempo, a estas investidas do Estado e de pessoas sem escrúpulos, que tudo fazem para denegrir a sua Obra?

A eles (Estado) de certeza que não lhes dava quaisquer satisfação. Se quisessem, que o levassem preso.

Lembro-me de uma passagem, na nossa Casa de Paço de Sousa, em que as autoridades, desse tempo, tiveram de abandonar as suas intenções e deixá-lo em paz.

Às tais jornalistas, ou assistentes sociais, faria como fez a uma rapariga que ia lá a casa com intenções de desencaminhar um dos rapazes. Pegou numa vassoura e pô-la de lá para fora a correr...

Mas os tempos são outros, dizem. Então não era no tempo do chamado fascismo? E da ditadura?... Mal vão as ovelhas quando o pastor é o primeiro a fugir, assim que vê o lobo.

Enfim. A nós, resta-nos pedir a Pai Américo que interceda pela sua Obra, junto do Pai do Céu.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Olga e Valdemar

Setúbal

VERÃO — Com a chegada do calor tem que haver muitas regas: das laranjeiras, das flores dos canteiros, dos pessegueiros, das macieiras e das ameixoeiras. Os rapazes começam a pensar em ter a piscina arranjada o mais depressa possível, para o banho. Os que estudam têm de passar de ano para terem as suas férias, na Arrábida.

CAMPO — O «Fernandinho» e o António andaram a semear o milho. Vieram cá uns senhores cortar a cevada para enfardar. Foi o que sobrou no campo da que foi para o silo.

LAR — O senhor Paulo e o Daniel estão a arranjar o telhado. Levaram as telhas e substituíram as partidas. O telhado estava a precisar de ser arranjado porque já tem muitos anos.

VACARIA — Já nasceram mais vitelos. As vacas andam a produzir bom leite. O Amândio dá-lhes o comer, o «Miguelito» ordenha as vacas e o «Caras Lindas» trata dos bezerros. Os rapazes gostam do leite das nossas vacas.

RAPAZES — O Mário Paulo e o «Lagarto» já arranjaram trabalho num armazém de material eléctrico e no Golfe. Há outros rapazes que continuam a procurar serviço, como o Daniel e o Jaime.

Ângelo Pires

Paço de Sousa

DESPORTO — Nós tínhamos consciência de que o jogo em Paços de Ferreira, com os Juniores, não ia ser fácil; ficaram em segundo no seu campeonato. Jogar em relva (não sintética) começa a ser, para nós, quase normal, mas, com a qual não nos damos lá muito bem. Desta vez, à excepção de dois ou três, que julgam que se ganham jogos a dar ordens aos outros e a ver a banda passar; as chuteiras que temos, não são próprias para aquele piso, também tiveram a sua quota-parte na derrota que sofremos: 5-1, foi a conta a que não conseguimos escapar. As pessoas perguntam se nós somos filiados. Dizemos que não. E não! Mas eles vão dizendo: *«Vocês têm, ali, alguns rapazes muito habilidosos!»*. Pois é, são só alguns, porque outros... julgam que estamos a jogar com os chamados «Grupos de Amigos» que se junta no café, e vêm jogar ao Gaiato. Esse tempo já lá vai. Dá trabalho, e... faz confusão, mas é uma realidade. Temos que mudar de mentalidade. É um facto! Apesar de termos sofrido cinco golos, quero dar os parabéns ao «Mancha», Teixugueira, «Bolinhas», Rogério, Gil e Abílio, pela garra, pela força de vontade, pela coragem que tiveram durante o jogo, de que apesar do resultado não nos ser favorável, não desistiram, até, pelo menos, se marcar o golo de honra, que teve como seu autor: «Bolinhas». Não foi por acaso que os rapazes do Paços de Ferreira autografaram uma das suas camisolas e nos ofereceram, onde dizia: *«Não desistir, deve ser o lema de cada um de nós»*. É isso mesmo, não vamos desistir!

Independentemente de tudo isto, fomos recebidos com amor e carinho. No final, ofereceram uma merenda que serviu para conviver fora do relvado, com todos os atletas, dirigentes e treinadores. Gente maravilhosa!

E por falar em gente maravilhosa! Oito dias depois da derrota em Paços de Ferreira, deslocámo-nos à Póvoa do Varzim, para ali sermos recebidos por toda aquela gente de uma maneira tão carinhosa, que até parecia que estávamos em casa!

Quando chegámos, tínhamos alguns dirigentes à nossa espera, para nos receber e encaminhar para o estádio, a fim de podermos assistir ao jogo que ainda decorria. Pouco depois do intervalo, tivemos que nos retirar para que os nossos, e os rapazes do Varzim, se pudessem equipar para que à hora marcada, pudéssemos dar início ao nosso jogo.

Tudo muito bem. Mas depois da derrota em Paços de Ferreira, havia que mexer na equipa, e foi o que se fez. Deu resultado, mas, mesmo assim, não chega. Ainda há quem fale demais, e com isso, a equipa não tem qualquer proveito. É preciso jogar mais e melhor, falando menos! Saímos da Póvoa com uma vitória. Agostinho abriu o activo a passe do Gil. Eles fizeram o empate e já na segunda metade do desafio, Agostinho repete a dose, mas desta vez, com um golo, que só alguns profissionais, daqueles que ganham milhões e, de vez em quando, conseguem fazer. Abílio, também não quis ficar atrás e, de cabeça, fez o 1-3. Começámos a substituir para que todos tivessem a oportunidade de jogar e já muito perto do fim, o Varzim marca o seu segundo golo. Resultado final justo, pelo empenho das duas equipas, sobretudo dos nossos rapazes que não estavam na disposição de perder mais pontos.

Alberto («Resende»)

Associação de Antigos Gaiatos do Norte

CINQUENTENÁRIO — Já começámos a preparar a data. O início do nosso encontro será, excepcionalmente, este ano, no sábado, dia 15, com a presença de alguns ilustres convidados da modalidade, realizar-se-ão provas de atletismo, para todos os gaiatos, antigos e actuais, de todas as Casas, com prémios simbólicos para os primeiros classificados. Poderão também inscrever-se os filhos e netos de antigos gaiatos. As inscrições estão abertas até 30 de Junho.

No Domingo, 16 de Julho, dia maior das comemorações, ficou estabelecido o seguinte programa:

09h00 — Recepção.

10h30 — Deposição da coroa de flores no túmulo de Pai Américo.

11h30 — Eucaristia Dominical.

13h00 — Almoço, oferecido pela Casa. Segue o convívio com a piscina e música ao vivo.

17h00 — Merenda. Despedida.

Se em todos os anos esta data é especial, neste é especialíssima. Para que tudo corra bem precisamos de pessoas disponíveis para as diversas actividades. Este evento só será possível com a colaboração de todos (incluíndo esposas).

Ficamos a aguardar o teu contacto. Na próxima edição d'O GAIATO daremos o ponto da situação.

Júlio Fernandes («Régua»)

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Está agendado para o dia 25 de Junho o nosso Encontro anual, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo,

Momentos

Continuação da página 1

mudar de roupa e o aspecto daí resultante metiam medo aos mais pequenos. Como lhe começaram a fechar as portas da Casa, tornou-se violento e ameaçava de morte as senhoras.

Sem capacidades e sem respostas, o Padre Júlio não teve outra solução que mandá-lo para longe, para o Algarve, de onde ele dizia ter vindo.

Ele, há ocasiões na vida que mostram bem como é necessária a Misericórdia de Deus! Como é preciso haver gente e Obras livres que não estejam sujeitas às leis do Estado e onde se possa exercer a caridade imediatamente! Sem quaisquer peias!

Como me lembro de S. João de Deus com os loucos às costas, fazendo ele também figura de louco, nas ruas de Granada, sendo repelido por todos!

Como o mundo de hoje precisa destes escândalos!...

O Marinho, atropelado no Algarve, com as pernas e a bacia partidas, teve logo entrada em dois hospitais. Foi internado primeiro em Psiquiatria e depois em Ortopedia.

Casa roubada, trancas à porta!...

Quando o visitei, no Hospital do Outão, o seu rosto encheu-se de alegria e em grande manifestação de contentamento apesar de amarrado de braços e pernas!

Como me enchi de esperança!... E de revolta!

Foi preciso, Meu Deus, que este pobre, sem ninguém, fosse atropelado... — para receber tratamento!... Achei o pessoal hospitalar uma maravilha de gente! Consoleime com isso e pedi, por todos os santos, contando a tragédia deste meu filho, que o tratassem bem.

Passado um mês vem-me a notícia que o Marinho tinha falecido no hospital.

Que pensar?... Que dizer?... Que sofrer!...

Aprontei-me para identificar o seu cadáver antes da autópsia e lhe dar um funeral digno.

Teve-o, sim senhor. Várias dezenas de gaiatos do seu tempo marcaram presença!... Eles sabem do contacto uns dos outros. Basta um ter notícia para todos a receberem.

Homens! Cara e alma! Tudo neles rescendia dignidade e dor pelo irmão. Também ali, naquele curto velório e oração, se verificava o resultado do trabalho humano na Casa do Gaiato.

A Missa foi participada como em dias de festa! Aquelas vozes fortes, a rezar certinhas e comovidas o Pai Nosso, bem me falavam da sementeira de valores lançados no coração daqueles homens!

Após o enterramento, de onde ninguém arredou pé, sem que as flores trazidas dos jardins da casa de cada um embelezassem a campa, rodearam-me para nos consolarmos e me consolarem.

A fraternidade e a paternidade tornaram-se evidentes naquela comunhão!...

Se o pobre Lázaro foi arrebatado para o seio de Abraão por ser desprezível, muito mais o Marinho é acolhido na ternura do Pai, por passar o que passou!

Padre Acílio

Moçambique

Continuação da página 1

Temos sido podados, no nosso caso, não pelo Senhor da Vinha, mas pelos sinais dos tempos. São podadores mecânicos, aqueles que o Senhor da Vinha envia a pretexto de cuidar de nós e daqueles que nos estão confiados. Vão até ao cerne, causando dores e até desequilíbrios, mas sabendo em Quem acreditamos, aceitamos e continuamos.

Há duas maneiras de nos impedir. Ou arrancando a vinha por improdutiva, ou decepando os braços para enxertar uma nova casta. A primeira hipótese, talvez muito desejada e até cobiçada por alguns, seria desastrada, sem respeito nenhum pelos Rapazes, nem por tantos para quem constitui a referência válida das suas vidas, ou mesmo a única. Além disso uma depredação social porque, em termos materiais, os verdadeiros donos são o Povo Português que confiou e confia na Obra, compartilha o sofrimento dos abandonados e a levantou com as migalhas da sua Pobreza. A segunda hipótese é bem mais fácil e amaneirada: enxertar uma nova casta, tecnicamente possível. Será isto que está à vista? Oferecemos as nossas vidas até ao desgaste total, que para muitos de nós, Padres, já não demora, visto não haver disponibilidade na Comunidade Cristã de quem se apaixone. Nunca me esqueci daquela palavra de Pai Américo: «Cristo pisou a terra com o coração. Ele era um apaixonado».

Padre José Maria

como vem sendo hábito, esperando que a comparência que se vier a registar seja boa e agradável, pois é esse o nosso desejo.

O programa, dentro do que é usual, vai indicado na circular enviada pelo correio, começando pela recepção, a partir das 09h00 da manhã, começando então o nosso convívio, seguindo-se a Missa dominical, almoço oferecido a todos. Depois, alguns divertimentos com piscina pelo meio, merenda e retirada. Contamos com a boa vontade de todos para o que for necessário, em especial das mulheres, não esquecendo algumas bebidas e a habitual colaboração para a merenda...

Como temos andado em maré de notícias nada agradáveis, agora mais um caso de um antigo colega que nos deixou, aos 71 anos, o Carlos Ferreira Poiares, mais conhecido, entre nós, pelo Carlos «Chinês», que foi um bom amigo da Associação, embora não comparecesse, por razões pessoais, aos nossos encontros; nunca esqueceu a assinatura d'O GAIATO. Tivemos conhecimento do caso pelo Jornal diário, não a tempo de estarmos presentes.

À sua esposa, apresentamos os nossos sentidos pêsames, bem como a toda a sua família.

Ficamos, portanto, a partir de agora, a contar os dias que faltam para o nosso Encontro e até lá desejamos que tudo corra dentro da normalidade para todos e suas famílias e aguardamos.

Manuel dos Santos Machado

Casa do Gaiato de Benguela

Férias do primeiro trimestre

NA terceira e quarta semana da Páscoa, os nossos rapazes estavam de férias. Era a pausa pedagógica do primeiro período. Tudo correu muito bem. Tivemos um clima bom e familiar.

Aproveitámos este tempo para envolver os nossos rapazes nas várias actividades da Casa. Um grupo foi por duas vezes ao Lobito buscar batata para semear. Tony e Chivoli, que são acompanhados pelo senhor José de Sá Cruz, deram a sua contribuição no campo. Lavraram os campos para a sementeira da batata, cebola, couve e tomate.

O grupo das oficinas esteve animado e foi uma grande força para os mestres que se viam aflitos com a encomenda das carteiras e outros trabalhos acumulados.

Todos somos parte desta grande família e cada um tem a responsabilidade de dar a sua contribuição. São Paulo, na sua Carta aos Coríntios, diz, claramente, que todos somos chamados a pôr a render os dons que recebemos, gratuitamente, de Deus. É bonito cada rapaz estar no seu lugar, cumprir fielmente a sua missão. Fiquei animado e entusiasmado. E isso me dá força e coragem de dar a minha vida ao serviço da Obra.

Temos, também, um grupo de dez rapazes que aproveitou este tempo para fazer uma preparação intensa para o Baptismo. Serão baptizados no dia 28 de Maio, na Festa da Ascenção.

Padre Custódio

Setúbal

A sociedade do lazer

HÁ alguns anos, uma pessoa das minhas relações falava do ideal da sociedade do lazer. Ao tempo não me parecia mal. Também eu andava à procura...

De certa forma, essa sociedade já existe para muitos; a muitos mais, incomparavelmente, surge como um sonho ou uma falsa realidade.

Esta mentalidade cria um amolecimento geral na sociedade. Perde-se a vontade de lutar e de trabalhar, esta a verdadeira fonte do crescimento humano e social.

O esforço para alcançar o bem, pessoal e comum, requer, vezes sem conta, um espírito de sacrifício, pois o bem está sempre em sintonia com o sagrado.

No trabalho pelo bem, não podem os homens contar só consigo próprios; o bem é uma realidade que nos ultrapassa.

O espírito de sacrifício leva-nos a vencer os limites que naturalmente tolhem os nossos desejos.

Morta e sepultada esta energia de vida, fica o homem só; os seus conhecimentos e convencimentos.

Tal como ele, estes não são perfeitos, e sempre vem a necessidade de pôr em prática o sacrifício, qual alavanca que move para o bem.

Acreditando demasiado em si mesmo, não chega a construir o que se propôs fazer. O Salmista revela esta verdade intuída na sua oração: «Se o Senhor não edificar a Casa, em vão trabalham os que constroem...»

A presença de Deus no labor dos homens é uma colaboração preciosa que não o diminui, mas completa naquilo que ele tem de fraco: a sua arrogância na relação com os outros e o seu egoísmo na relação consigo mesmo.

O espírito de sacrifício não é uma fraqueza humana das eras passadas, mas uma força com que se constrói, com bons alicerces, o futuro.

Padre Júlio

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

por toda a vida, num questionamento permanente ao jeito de Jesus: «Pai qual é a Tua vontade?...» O tempo de Jesus é o tempo do Pai, é a realização da Sua vontade: salvar o homem, aqui e agora, em toda a carga dramática que o envolve.

Recebemos de Jesus, como Missão, o «dai-lhes vós de comer...» Desde o início que a Obra da Rua corporiza, na esteira de Pai Américo, esta Missão. Ele que foi um «chamado» privilegiado de Deus, imbuído de grande criatividade e audácia, nascidas da comunhão com Deus e da busca da Sua glória.

Este ano que celebramos o cinquentenário da sua morte, que quer dizer passagem e páscoa; cruz e ressurreição, a sua Obra, a Obra da Rua, continua a desafiar-nos a um serviço humilde e corajoso para com as crianças mais desprotegidas e sem família capaz. Sentimos falta de forças e de braços, como o sentem outros campos de acção pastoral. Falamos de vocações: sacerdotes, senhoras, outros voluntários que não têm surgido. É possível que tenhamos de reduzir o nosso campo de acção. A Casa do Gaiato do Tojal, apesar da eclesial solução encontrada, é um exemplo. Também aqui é a fé que nos move bem como a fidelidade ao carisma de Padres da Rua, na linha de Pai Américo. A fidelidade a Jesus, principalmente essa, que nos manda sentar com Ele para avaliar o nosso trabalho, às vezes, norteado pela sedução dos números ou pelo aplauso das multidões. Em todo o caso, continuaremos a pedir ao Senhor da Messe que mande operários para esta seara que é a Obra da Rua, tão carente. O testemunho que o Padre Américo deu acerca de Jesus e do amor da Sua Igreja para com os mais pequenos e pobres não morrerá. Há-de encontrar eco nos corações.

Padre João

PENSAMENTO

A loucura do amor passou de Deus a Cristo Jesus e também entrou um nadinha no coração da Mãe. Só ela. Nós não sabemos amar.

PAI AMÉRICO

PADRE AMÉRICO

Páginas Escolhidas

NÃO se julgue que o escrito de Pai Américo há quinze dias publicado sob esta epígrafe seja único, ou esgote o seu pensamento acerca do fenómeno da *Institucionalização*. Percorrendo estas Páginas Escolhidas, eis outro *texto exemplar* que transcrevemos já, guardando, desta vez, alguns comentários para depois dele lido.

«Faz agora precisamente um século que uma Mulher inglesa, por vocação, começou a ter pena do estado dos doentes, mesmo quando entregues a bons médicos, em bons hospitais. É que naquele tempo não era conhecida a enfermagem, nem faziam falta enfermeiros. Qualquer um jeitoso. Qualquer assalariado. Nos Albergues dos pobres a regra era: se de homens, o menos bêbedo; se de mulheres, a menos bêbeda. O doente aceitava os serviços. Não se sabia de coisa melhor.

Vem a guerra da Crimeia e os soldados de Sua Majestade a rainha Vitória morreram em tal número que os jornais de Londres começam a falar. Desconhecia-se a enfermagem. Não havia enfermeiros. Era a sepultura.

Chega a hora. A hora de Deus não vem tarde nem cedo. Vem. É aquela. Não se discute. Por detrás do esplendor Vitoriano, surge uma luz. Florence Nightingale apresenta-se. Ela vai fazer a revolução social. Eis a chave: «Enfermagem é uma arte e, como tal, requer devoção e uma preparação tão forte como a de qualquer pintor ou escultor. Pois que tem que ver uma tela morta ou um mármore frio com um corpo vivo — templo do Espírito Santo?! Não digo uma arte, mas sim a mais delicada das artes».

Como os senhores estão vendo, esta Mulher tinha necessariamente de ser tomada por indesejável e até perigosa, em vários sectores da vida social do tempo. Tinha, sim. Porquê? Por causa da sua mensagem de verdade e de justiça. Por via de regra, ontem como hoje, os que mais empregam aqueles termos receiam vê-los em prática. A Enfermeira inglesa teve de suportar o formidável peso da inércia: deselegâncias, incompreensões, ciladas, calúnias — o Cálice!

A burocracia é que foi! E da pior: Altas patentes militares não queriam que a Enfermeira curasse. Mas ela era artista do Divino. Nada de humano a faria sucumbir. Venceu. O 'samaritano' vence sempre!

A breve trecho, os críticos convenceram-se de que a Enfermeira era da Nação. Os Curados, beijando a sombra dela, extinguiram o zelo *dos apagadores. A Enfermeira venceu. Uma Comissão de Londres declara:* Ocupe-se esta mulher *e levanta 50.000 libras esterlinas, das quais 9.000 foram cobertas por soldados! Hoje, tudo quanto se sabe e diz de enfermagem é o fruto natural de uma lição de 90 anos — que tantos durou a Enfermeira protestante.*

Mais história. Ao mesmo tempo que na Inglaterra, ardia uma luz nas Hawai, o Padre Damião. O Leproso! Enquanto nada fez na ilha deles, correu tudo muito bem. Ele não fazia nada. Mas a certa altura começa a trabalhar. Carpinteiro, trolha, jardineiro, agricultor, médico, enfermeiro e Pai! Ele foi tudo. A notícia corre. Avassala. Rompe os diques. Tal como a Enfermeira, também o Leproso. A burocracia pede contas. Os fariseus não querem que ele cure ao sábado. E, como era padre, não lhe faltaram os perigos dos falsos irmãos. Por fim, venceu. A sua obra está. O 'samaritano' vence sempre. Ganha todas as partidas. Que tem que ver o mármore frio ou uma tela morta com as chagas num corpo vivo — templo do Espírito Santo? *Artistas do Divino!*

Tal como a Enfermeira e o Leproso, também nós. Distâncias respeitadas, trilhamos o mesmo caminho. Deselegâncias, incompreensões, ciladas, perigos — eis o nosso quinhão. Mas a vitória é nossa. O 'samaritano' é que fica; os outros passam!

De hoje a um século, quando, em Portugal, toda a obra de educação do Abandonado for feita à base da Família, há-de ser difícil às gerações daquele tempo acreditar nos processos do asilo e tormentos do asilado. Porquanto que tem que ver com cinzelar de almas a letra morta de um estatuto? Eis.

Sim. Eu ando a buscar na história e a dar aqui à estampa as razões que hão-de servir de base ao próximo Magistrado que vai fazer a lei consoante a nossa Obra e não arrastar a nossa Obra para uma lei que a não comporta.

Meta-se a Betesga no Rossio. *O contrário, não.»*

«De hoje a um século...» — pressagiava, esperançoso, Pai Américo. Mais de metade deste tempo se perdeu; e a confirmar a história de todos os «samaritanos», o mundo teima em não compreender que onde há feridas humanas a curar, é muito útil a ciência e a técnica, mas é indispensável a *vocação*, que só ela determina e sustenta a *entrega* de quem cura ao que precisa dela. Servir o homem nas suas fragilidades, seja qual for a espécie delas, nunca é obra de mercenários. Era bom que humildemente tomassem nota disso os que andam por áreas de educação, de saúde, de prevenção e remedeio da pobreza. E, assim, escolhessem outras áreas para ganhar honestamente a sua vida. Ou, nestas, tivessem como pilar fundamental da fecundidade a que aspiram, a paixão de servir.

Conheço tantos e tantas em quem se cumpre este desígnio! Graças a Deus.

Padre Carlos

Calvário

Folhas caídas

MUITOS seres humanos deambulam nos caminhos da vida, como as folhas secas no Outono, sacudidas pelo vento, erguendo-se do solo para logo caírem e serem pisadas por quem passa.

Embora muitos possuam capacidades imensas, porque ninguém os estimula e aproveita, ficam caídos e murcham de vez até serem esmagados.

Este pobre homem andava por lá, sem família, sem casa, sem amigos. Dormia em alpendres, alimentava-se de sandes que os compadecidos lhe davam. Embriagava-se frequentemente para passar o tempo e esquecer a vida que levava. Andava perdido. Nada de útil fazia — vegetava.

Foi encaminhado para nossa Casa, depois de um acidente de viação e de ter sido hospitalizado. Aqui, todos precisam uns dos outros e todos esperam ajuda. Ele, com mais validez, começa a ser solicitado pelos mais inválidos.

— *Dá-me a mão!*

Hoje é muito prestável, útil e feliz.

— *Isto ajuda a passar melhor o tempo. Nunca tinha feito estas coisas, mas até gosto!*

E do que ele é capaz, nem ele o imaginava.

— *Eu já devia estar aqui há mais tempo. Não teria feito tantas asneiras!*

Desconhecia-se a ele próprio, agora encontrou-se.

A Maria também era uma indesejada na casa onde vivia. Criava grandes problemas. Eram muitas as raparigas e o espaço do Lar era exíguo. Os conflitos eram, pois, inevitáveis.

A largueza da nossa quinta ajudou-a a encontrar-se. Está calma. E é indispensável a sua presença junto dos outros.

Este outro homem, franzino e discreto, chegou a estar internado para cura de transtornos psíquicos resultantes do álcool. Alguém o encaminhou para nós. E ei-lo que não pára. Todos os chamam e ele a todos atende. Está sempre pronto para os recados.

A cura de muitos males está somente na ocupação. Pedir ajuda é a forma mais eficaz de ajudar alguém. Há tantos tesouros escondidos por aí, que ficam enterrados, por não haver quem os descubra. Temos descoberto tantos! Eles são a nossa riqueza. Quanto a sociedade não ganhava se fosse descobrindo as preciosidades que tem no seu seio!

O apelo de Cristo soa-me, muitas vezes, ao ouvido: «É preciso renascer».

Ora, estas transformações que se vão operando em muitos dos nossos doentes são verdadeiros renascimentos. Há quem não renasça, mas caminhe somente para a morte.

As folhas secas, apodrecidas, mas derramadas nos canteiros da nossa quinta, brotam em rosas coloridas e perfumadas.

Nesta manhã de Primavera, aspiro o cheiro do jasmim. Uma delícia!

Padre Baptista

Benguela

Mais seis filhos

NASCERAM mais seis filhos na nossa Casa do Gaiato de Benguela. É verdade! Gosto de falar assim. Concebidos e abandonados, encontraram no Abrigo dos Pequeninos o primeiro calor do ventre materno. Agora, a Casa do Gaiato é a sua família que os vai ajudar a serem homens. A maior riqueza de uma nação são os seus filhos. É o valor maior que a Casa do Gaiato quer oferecer a Angola.

Há tempos, fomos surpreendidos pela visita do Director-Geral duma das maiores empresas petrolíferas que operam no País. Vinha acompanhado de vinte pessoas ligadas ao mesmo ramo. Antes de mais, sentámo-nos. Era preciso falar e explicar a beleza e a grandeza do que estava escondido por detrás da maravilha que tinham diante dos olhos: a nossa Casa do Gaiato. Era, sem dúvida, o encontro de dois empreendimentos: um, dedicado à exploração do petróleo, nas grandes profundidades oceânicas; outro, dedicado à descoberta da maior riqueza de Angola, escondida no coração de cada filho da rua, abandonado, para o transformar no valor maior da Nação. Se o valor material do petróleo não estiver ao serviço dos filhos de Angola, será uma desgraça e não um dom. Gostei da reacção e mais bem há-de vir.

Falei em nascimento de mais seis filhos. É sempre um acontecimento, à maneira duma pequenina explosão de vida nova. Há quanto tempo os mais pequeninos andavam inquietos e curiosos acerca do dia da sua vinda?! Só quem experimenta com uma intensa vida de amor, é capaz de entender. Por isso, neste momento, em que falo dos mais pequeninos, tenho os meus olhos poisados no Infantário do Abrigo: Que seria de tantos bebés se não houvesse um coração que os acolhesse e amasse? Partilho convosco esta vivência porque tal não seria possível sem a vossa ajuda.

Sei que nos entendeis. Sei que nos acompanhais. Chegam-me os ecos do palpitar do vosso coração. Dos amigos de sempre, Arquitecto Moreira e Rute, depois do anúncio, chegou um pedaço das suas vidas, verdadeiro pão de vida para outras vidas. Ah, quem dera a Palavra do Mestre fizesse comida em cada um de nós, para que fôssemos vida e vida em abundância para os que estão à nossa espera! E são multidão. Não paramos. Não podemos parar, enquanto estiverem prostrados, ao longo da nossa estrada, irmãos que também são humanidade da nossa humanidade; e cura da nossa cura.

Quem dera apareçam motores que puxem do centro de vida das pessoas que é o coração, a cultura da fraternidade e façam estancar as fontes do egoísmo e da indiferença.

Recebi uma carta muito rica da Terra Santa, dum amigo de Avintes. Ainda bem que a palavra dos Pobres tem a força da martelada nos corações de carne e, no fundo, sedentos de amor. Outras cartas foram chegando. Do quarto onde estou a escrever, a todos tenho presente.

Comecei estas Notas pelas crianças que nasceram, de novo, na Casa do Gaiato de Benguela. Todos os anos assim é. Sexta-feira passada, fui surpreendido pela visita do Adelino Manuel. Tem oito anos. Pequenino que também nasceu como os outros em nossa Casa, há cerca de dois anos. Tem a coluna deformada. Um casal, ele médico e ela professora, ofereceram-se para o acolher, ajudar a curar-se e crescer no seio da sua família, como filho. Mais maravilha! O pequenino veio ver-me, acompanhado da mãe que o acolheu. Fiquei tão contente, tão feliz que não resisto a partilhar convosco tamanha alegria. E, se não fosse a Casa do Gaiato, que seria deste menino? Ao olhar, agora, para ele, que apareceu, naquele tempo, sem terra e sem nome, vejo-o com outros olhos, como se estivesse a olhar para os vossos filhos mais bonitos.

Termino deixando-vos o endereço postal:

Casa do Gaiato
C. P. 820
Benguela — Angola.

Faço-o a pedido de várias pessoas amigas.

Padre Manuel António